

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XI, Nº 02 – 2007, FEVEREIRO
Assinatura até Dezembro de 2007: 10 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Poesias e contos?
www.haicu.sf.nom.br

Porque mis penas arrojó sobre tu seno, y lo azotan, y tu corriente alborotan, y acá livido, allá roto, blanco allá como la muerte, ora arremetes y ruges, ora com el peso crujez de un dolor más que tú fuerte,

¿Habré, como me aconseja un corazón mal nacido, de dejar en el olvido a aquel que nunca me deja? ¡Verso, nos hablan de un Dios adonde van los difuntos: verso, o nos condenan juntos, o nos salvamos los dos!

José Julián Martí 1853-1895, Versos Sencillos, Canto XLVI;
José Martí Poesía Completa, Tomo I,
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

No campo soa ao entardecer, o berro da boiada alvoroçada... o lamento da pomba abandonada... o pio da perdiz, feito o sofrer... No anoitecer, a lua dá uma espiada, e olha o verde campo com prazer... Aqui e ali, um som... o reviver! Ao longe, o tropear da animalada. E desce a noite, junto à quietude, vestida de luar e nostalgia... vestida de cansaço e mansuetude... Depois... o simesmar em companhia dos coaxares às margens do açude, às margens do final de mais um dia... Leonilda Hilgenberg Justus, Na Fazenda	...Era um recanto verde. Solitário, Ranchinho pobre, esfumando ao vento... Talvez feijão na trempe... o necessário e substancial, porém, parco alimento. Crianças traquinando sem vestuário... Pertinho, pomba-rola em seu lamento... Cão latindo... Em gorjeios, um canário... Galo cantando... vidas no momento. E lá... num canto, a mais bonita flor que Deus nos deu: uma rosa semelhante à aurora ou ao poente ou ao amor! A personagem-mor de toda a cena. Mas... como ali entre o capim pujante?... Perguntas se inserindo à tarde amena... Leonilda Hilgenberg Justus, Cena Campesina	Encontrei a alegria fantasiada de palhaço, num circo do interior: lona, serragem, cheiros a compor a fantasia, enfim, vivenciada. Corpóreo, ali presente, o vivo humor brincava e florescia a alma calada, reverenciando a vida bem-amada, capaz de doar instantes de valor! E o palhaço e a alegria – o par perfeito! – primavam pelo amor que é doação. Que é luz clareando a escuridão no peito. Não mais de adulta sofredora, a mão lhe dei confiante, e então, meio sem jeito, cambalhoitei com ele pelo chão! Leonilda Hilgenberg Justus, Lona, Serragem, Retorno...
--	--	--

Coletânea Dentre Doze Livros Publicados, 2006: Leonilda Hilgenberg Justus, Rua XV de Novembro 551, CEP 84010-020 – Ponta Grossa, PR
Seleção Maria Iracema Gomes Lacerda Menendez

Quando a velhice é surgida: esqueça dos desenganos, não dê mais anos à vida e sim, dê mais vida aos anos! Francisco José Pessoa, 0611, Binóculo Rua Carlos Vasconcelos 3100/602 60115-171 – Fortaleza, CE	Sou pobre, mas não reclamo, gosto do pouco que é meu, cheio de esperança eu amo a vida que Deus me deu. João Batista Serra, 0611 O Patusco, Caixa Postal 95 61600-000 – Caucaia, CE	O Brasil tem carnaval e samba e mulata linda. Arte e fado, Portugal. Os dois, amizade infinda. Leonilda Hilgenberg Justus, Coletânea Dentre Doze Livros Publicados, 2006	Funesta carência é essa: faz o poeta cantar, cantar e cantar à beça em seu longo caminhar. Manoel F. Menendez, À Helena Kolody 1912-2004	Por querer abrir caminhos seguí à risca esta lei: fui retirando os espinhos das rosas todas que dei!... Maria Helena O. Costa, 0701 Trovaregre: Caixa Postal 181 37550-000 – Pouso Alegre, MG	Pra o magoadó, revoltado, chamam depressa, a escolta... mas... não chamam, pra o safado, que provocou, a revolta... Pedro Grilo, 0602 O Pitiguari: Rua Guanabara 542, 59014-180 – Natal, RN
--	--	---	---	--	--

A sociedade ocidental científica, racionalista, industrial, pseudo-democrática, está em processo de dissolução e seria, para nós, um absurdo lunático, neste momento,

Trovão na cidade pessoas apressam os passos, olham o relógio. Eunice Arruda	Cabeleira longa. Banha-se na cachoeira índia formosa. Fanny Dupré	Chegou fevereiro na cozinha Benedita batuca panelas. Francisco Handa	Todas as macieiras sem frutas nem folhas – só granizo no chão! H. Masuda, Goga	Calorão da noite vozes distantes ecoam canção de ninar. Ignez H. Hokumura	Gato e perereca encontram-se no ar. Salto mortal! Suely Moraes	Na areia quente ao redor do caranguejo cerca de guris. Teruko Oda
--	--	---	---	--	---	--

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

construir cegamente sobre essa base que está afundando. Sri Aurobindo, JB Ecológico – Jornal do Brasil, 5 de Junho de 2002

TEMAS DA SAZÃO VERÃO – QUIDAIS DE VERÃO

Flor da noite, brilha sob os raios do luar, banhada de prata. Ailson Cardoso de Oliveira	Sob o sereno, flores viçam e recendem. Alva flor-da-noite. Amauri do Amaral Campos	Abricós maduros... Menino escalando o muro... encontro com donos. Anita Thomaz Folmann	Férias de verão – a menina dando adeus no engarrafamento. Antônio Seixas	No meio das flores, menina procura a bola. Gerânio no quintal. Carlos Roque Barbosa de Jesus	Luzes na avenida a mulata suada no Carnaval. Edmison Felipe	Dos passageiros encanto pelo gerânio: vagão do metrô! Shinobu Saiki
---	---	---	---	---	--	--

HAICUS EM FOLHA

A civilização não consiste em multiplicar nossas necessidades, mas em reduzi-las voluntariamente, deliberadamente. Mahatma Gandhi, JB Ecológico 05.06.02

Barco em alvoroço vem macaréu agitando a chegada ao porto. P Alba Christina	Chega o macaréu! Na foz dos rios, o estrondo... As ondas se engolem. F Amália Marie Gerda	Na manhã azul, num lento desabrochar, despertam gardênia. F Amália Marie Gerda	Caem as barrancas nas ondas do macaréu. Vaivém das águas. M Amauri do Amaral Campos	Brilho de luz negra e perfume de gardênia. Passos de bolero. M Amauri do Amaral Campos	Na quarta de cinzas cama com lençóis dormidos. Restos de confete. W Amauri do Amaral Campos	Montes de confete vão rodando na sarjeta. Carnaval chuvoso. A Angélica Villela Santos
Menina moça, no cabelo uma gardênia. Primeiro baile D Cecy Tupinambá Uihôa	Um rio sereno... De repente o macaréu, engolindo as margens. B Darly O. Barros	Num livro esquecida, gardênia seca revive um tempo passado... J Darly O. Barros	Nas mãos do mendigo, um punhado de confetes. Olhar marejado... J Darly O. Barros	Vários confetes nas fantasias guardadas: – baú no sótão. J Denise Cataldi	Na frente da casa, um canteiro de gardênia perfumando a rua. F Elen de Novais Felix	Cessa o macaréu... O sol contempla os destroços de barcos, na praia. J Elen de Novais Felix
Maré com pujança Estronda e um cortejo de ondas rio acima avança. W Fernando L. A. Soares	No pequeno arbusto, a bela gardênia branca nasceu solitária. P Flávio Ferreira da Silva	Confetes na mesa foram soprados ao chão. Piso colorido. W Flávio Ferreira da Silva	Chuva de confete. Bailarinos no desfile e muitos aplausos. W Manoel F. Menendez	Nas folhas escuras surgem brancos perfumados. Flores de gardênia. W Manoel F. Menendez	Macaréu na foz. Anúncio de preamar. Encontro das águas. P Nadyr Leme Ganzert	Perfume suave. Bela, forte, chamativa... Perfeta gardênia. P Nadyr Leme Ganzert
Confetes caídos no bolso do paletó. Sobras da folia. B Renata Paccola	Baile no salão. Nos cabelos da mocinha, chuva de confetes. M Renata Paccola	Hortênsias em flor: agrupados, se projetam confetes azuis. P Renata Paccola	A brisa sem rumo deixa um rastro de perfume. Pálidas gardênia. D Roberto Resende Vilela	Na Festa Maior, a alegria desce o morro – envolta em confete. P Roberto Resende Vilela	Conflito das águas. Estrondo na foz do rio. Macaréu rolando. W Roberto Resende Vilela	Chora Arlequim, confetes aos borbotões, foi-se Colombina! P Shinobu Saiki

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

SELEÇÕES MENSAS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

✉ Remeter até 28.02.07, quigos à escolha Curau, Dia do Campeiro, Trapoeraba. ✉

Remeter até 30.03.07, quigos à escolha Balão, Dia do Meio Ambiente, Dia de São João.



Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolher haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

T R E V O S À M O D A O C I D E N T A L E T R E V O S P E R S O N A G E M

Na chuva continua o carnaval não reclama... amanhã ele sai. Alba Christina	Na parede nua, rescosta-se a alta begônia, plena de beleza. Amália Marie	Foi... O Carnaval. Lágrima de Pierrô entre os confetes. Amauri do Amaral Cardoso	Flor chama atenção. Curiosos olhos a espreitam, boca-de-leão. Analice Feitoza de Lima	Na cascata da árvore outras tantas casacas presas, já foram cigarras... Cecy Tupinambá Ullhôa	Todos pulando no carnaval de rua. Parecem malucos. Denise Cataldi	Varanda enfeitada com vasinhos de begônias: natureza em festa! Djalda Winter Santos
Novo soberano recebe as chaves do Reino: – Impera o Rei Momo! Ercy Maria Marques de Faria	Amor tão profundo... formosa, expressa uma rosa de tom rubicundo! Fernando Lopes Soares	Chuva de verão... No céu o arco-íris rara beleza. Helvécio Durso	Maior a riqueza que as escolas deslumbrantes... Carnaval de rua!... Hermoclydes S. Franco	Girassóis atentos apontados para o espaço... Douradas lunetas! Humberto Del Maestro	Carnaval de agora, sem <i>Tai</i> , <i>Mamãe eu quero</i> ... Ah, quanta saudade! João Batista Serra	Gosto do gerânio enfeitando o meu jardim lembrança de mãe. Jorge Picanco Siqueira
Tão áspere folha com tão pequena beleza. Vaso de begônia. José Roberto de Oliveira	Carnaval rolando três dias em chamas vivas. No quarto... ele e as cinzas. Leonilda Hilgenberg Justus	Acarás-bandeira do rio para as redes. Aquariófilia. Manoel F. Menendez	Os lábios carmudos são begônias florescendo; rosáceas brilhando. Maria App. Picanço Goulart	Carnaval de rua... – Na Avenida da Lembrança blocos de saudade!... Maria Madalena Ferreira	Carnaval de rua... Cultura, arte e beleza na união das raças. Olíria Alvarenga	Olhando o horizonte, porta-bandeira desfilia no asfalto do sonho. Regina Célia de Andrade
Luta pela vida: lagartixa sem o rabo fugindo de um gato. Renata Paccola	Na parede escura um longo traço prateado. Segredo da lesma. Roberto Resende Vilela	Arroz vira confete pombinhos saem da igreja fim de cerimônia. Rosângela Aliberti	Carnaval de rua. O piá que junta latinhas tem cheiro de cerveja. Sérgio Francisco Pichorim	É muito bonito mandacaru quando flora!... Já virou até musica! Sergio de Jesus Luizato	“La vai tarrafa!” Fujam, fujam lépidos, acarás-bandeira! Shinobu Saiki	Pierrô tristonho Colombina faceira isto é Carnaval. Suely da Silva Mendonça

Duas rimas simplesmente, sete sílabas certinhas, 40º vai brincar em quatro linhas! Alba Christina Campos Netto	Assim que me aposentei, ao meu relógio dei fim... Sem ele eu me sinto um rei, dono do tempo e de mim! XXIX Antônio Augusto de Assis	Só por falta de humildade quanta gente se perdeu, por duvidar da verdade IV que ele na cruz escreveu! Carolina Ramos	No meu relógio os ponteiros são como dois namorados: passa uma hora e, matreiros, estão de novo abraçados... XXIX Domingos Freire Cardoso	Ao redor deles se agrupam o mundo, risos e acaques, porém... relógios se ocupam apenas de tique-taques... XXIX Élbea Priscila de Souza e Silva	Com seus gestos zombeteiros o tempo, na trajetória, vai desgastando os ponteiros do relógio da memória. XXIX Elen de Novais Felix	Quero um relógio, querida, cujo mágico processo atrase a tua partida XXIX e abrevie o teu regresso. João Costa
Apesar do espaço estreito da trova, em que me refilto, é nele que eu tenho feito viagens... pelo infinito! 40º João Freire Filho	A trova, quando termina em perfeita construção, é uma casa pequenina, 40º com requintes de mansão! José Messias Braz	A cada novo empecilho, seja audente, perseverante; a cruz mais pesada, filho, alguém já levou adiante. IV José Ouverney	Carrega, de frente erguida, tua cruz pesada, e entende que na escola desta vida, IV quem mais sofre, mais aprende... José Tavares de Lima	Ao som do despertador, erga-se alegre... sorria!... E agradeça ao Criador XXIX pelo sol de um novo dia! Roberto Resende Vilela	Pequenina no formato, 40º mas imensa no que cria, a trova é como um retrato três-por-quatro da poesia. Sandro Pereira Rebel	A Trova que se revela em sua forma e magia é uma pequena aquarela na tela da Poesia. 40º Sebas Sundfeld

XXIX Jogos Florais de Pouso Alegre Nacional/Internacional, IV Concurso entre os Notáveis Trovadores, Trovaregre 0612 e Concurso de Trova 40 Anos da UBT, Trovaregre 0701

Nau prisioneira da bruma no imenso inverno polar... É impossível navegar. Sem advertência nenhuma o gelo avança na bruma... Mais perigoso é ancorar. Dilema	Há um silêncio escutando na selva informe da insônia que os vaga-lumes constelam. Sonhando na noite enorme, também não dorme o luar. Insônia	Solta a flor na correnteza. Longe, alguém desconhecido faz um gesto distraído e colhe a flor de surpresa. Flor na Correnteza	Um sagaz ilusionista, cria prodígios do nada. Malabarista de imagens, trapezista e dançador, faz destros acrobacias em barras de alegorias. Voa entre o céu e os abismos, o feitiçeiro inventor. Retrato <i>O poeta é um pantomimo Jorge de Lima</i>	De espinheiros agressivos, plantei sebes. Deram flores. Juntei às pedras mais rudes muita argamassa de dores. Fui erguendo a fortaleza invencível. Pus em meu céu um sorriso. Mesmo em borrascas de pranto, a escala de sete cores brilha em mim. Otimismo	Do humos da angústia desponeta estranha planta sensível que tem sede. Crestada ao sol implacável, o vento a torce e mutila. Somente a noite a sustenta de orvalho e de expectativa. A obscura seiva contida explode na labareda de uma flor desconhecida. Arte
Malho e cinzel, mais a madeira rica de veios, mais a su'alma plena de selva. Cheiro de selva gosto de sangue nas mãos feridas pela beleza. Mas na leveza da obra esculpida, laivos de sonho, seiva de vida. Oficina	Paz inefável de ser livre e de ser só! Por que há um rosto sombrio, voltado para a parede, a soluçar baixinho, algures, dentro em mim? Paradoxo	Se a estranha semente cai no solo exato, brotam-lhe raízes, cresce em permanência, como ser vivente. Jardim	Tudo em mim é divino favor. Para provar-me, retira às vezes o seu olhar da gleba escura do meu viver. Assola-me o deserto. Nem pássaro, nem fonte, nem um verde sequer. Sou aridez sem fim. Carência	Como o menino dentro da noite, longa e deserta, canta e assobia para iludir os seus fantasmas, sigo cantando por um caminho mal-assombrado pelos meus sonhos. Canto	Soam passos apressados, surgem rostos pensativos, passam ombros curvados e passam olhos altivos. Sonha a rosa sobre o muro. Poesia

Helena Kolody (Cruz Machado 12.10.1912 - Curitiba 14.02.04), de Helena Kolody por Helena Kolody, Coleção Poesia Falada, Volume 4; gentileza de Raynal Augusto Costa

O S P O R T A D O R E S D E S O N H O S

Gioconda Belli, tradução de Celso Japiassu – slides de Gotas de Crystal 688KB – Gentileza de Suely da Silva Mendonça

Em todas as profecias está prevista a destruição do mundo. Todas as profecias dizem que o homem criará sua própria destruição. Porém os séculos e a vida que sempre se renovam criaram também uma geração de amantes e sonhadores... Homens e mulheres que não sonharam com a destruição do mundo, e sim com a construção do mundo das mariposas e rouxinóis. Desde pequeninos vinham marcados pelo amor. Por trás de sua aparência cotidiana guardavam a ternura e o sol da meia-noite. Suas mães se encontraram chorando por um pássaro morto e mais tarde muitos foram encontrados mortos como pássaros. Estes seres coabitaram com mulheres translúcidas e elas ficaram prenhes de mel e de filhos reverdecidos por um inverno de carícias. Foi assim que proliferaram no mundo os portadores de sonhos, atacados ferozmente pelos portadores de profecias que falavam de catástrofes. Foram chamados iludidos, românticos, pensadores de utopias, disseram que suas palavras eram velhas! ...E de fato eram porque a memória do paraíso é antiga no coração do homem... Os acumuladores de riquezas os temiam e lançavam seus exércitos contra eles, mas os portadores de sonhos faziam amor todas as noites e do seu ventre brotava a semente que não somente portava sonhos mas que os multiplicavam e os fazia correr e falar. E assim o mundo criou de novo a sua vida	da mesma forma que havia criado os que inventaram a maneira de apagar o sol. Os portadores de sonhos sobreviveram aos climas gélidos e nos climas quentes pareciam brotar por geração espontânea. Quem sabe as palmeiras, os céus azuis, as chuvas torrenciais tiveram a ver com isso, a verdade é que, como formiguinhas operárias estes espécimes não deixavam de sonhar e construir mundos formosos... Mundo de irmãos, de homens e mulheres que se chamavam companheiros, que se ensinavam a ler uns aos outros, consolavam-se diante da morte, se curavam e se cuidavam entre si, se ajudavam na arte de bem querer e na defesa da felicidade. Eram felizes em seu mundo de açúcar e de vento e de todas as partes vinha gente impregnar-se de alento e de suas claras percepções e de lá partiam os que se haviam conhecido portando sonhos, sonhando com novas profecias que falavam de tempos de mariposas e rouxinóis... Onde o mundo não haveria de findar na hecatombe mas onde os cientistas desenhariam fontes, jardins, brinquedos surpreendentes para fazer mais gostosa a felicidade do homem. São perigosos – imprimiam as grandes rotativas são perigosos – diziam os presidentes em seus discursos são perigosos – murmuravam os artífices da guerra devem ser destruídos – imprimiam as grandes rotativas devem ser destruídos – diziam os presidentes em seus discursos	devem ser destruídos – murmuravam os artífices da guerra. Os portadores de sonhos conheciam seu poder e por isso nada achavam de estranho... E sabiam também que a vida os havia criado para proteger-se da morte que as profecias anunciavam! E por isso defendiam sua vida até a morte e por isso cultivavam os jardins de sonhos e os exportavam com grandes laços coloridos... E os profetas obscuros passavam noites e dias inteiros vigiando as passagens e os caminhos procurando essas cargas perigosas que nunca conseguiram encontrar porque quem não tem olhos para sonhar não enxerga os sonhos nem de dia, nem de noite. E no mundo sucedeu um grande tráfico de sonhos que os traficantes da morte não podiam estancar; em todas as partes há pacotes com laços de fita que só esta nova raça de homens pode ver... E a semente destes sonhos não se pode detectar porque está envolta em corações vermelhos ou em amplos vestidos de maternidade onde pezinhos sonhadores sapateiam nos ventres que os carregam. Dizem que a terra depois de os haver parido desencadeou um céu de arco-íris e soprou de fecundidade as raízes das árvores. Nós sabemos que os vimos... Sabemos que a vida os criou para proteger-nos do futuro que as profecias anunciam.
---	--	---